



## Reflexões preliminares sobre as relações entre visitantes/visitados a partir da teoria de “Poder Simbólico” de Pierre Bourdieu

ANGELA TEBERGA DE PAULA\*

### Introdução

O tema “relações de poder”, cuja teoria é (razoavelmente) consolidada nas áreas de sociologia, história e filosofia, pode ser considerado embrionário nas discussões do turismo. É recente também o interesse por pesquisas cujos temas possuem um caráter crítico e são sensíveis à população, a exemplo da discussão sobre gênero no turismo ou sobre a precarização do trabalho no turismo.

Identificando esse hiato nas produções científicas do turismo, desenvolveu-se um projeto de pesquisa cujo objetivo foi o de refletir teoricamente sobre as relações de poder, para além das instituídas, presentes no turismo contemporâneo. A partir do mesmo objetivo, foi possível desenvolver diferentes análises sobre o assunto; essas análises foram construídas respeitando a visão de cada autor, selecionado preliminarmente, sobre o conceito de poder - dentre eles Foucault (1997), a partir da obra “Microfísica do poder”<sup>1</sup>, e Santos (2000), a partir da obra “A crítica da razão indolente”<sup>2</sup>.

Este texto, portanto, refere-se a um recorte de uma pesquisa mais ampla sobre “poder e turismo”, que foca especificamente na teoria do sociólogo francês Pierre Bourdieu. Assim, o objetivo principal deste artigo é o de aplicar sua teoria, presente na obra “O Poder Simbólico”, ao campo de conhecimento do turismo. Nesse amplo campo do turismo, o recorte de análise foi a relação entre residentes e turistas - optou-se por esse recorte por se entender que a relação residente-turista é a que melhor exemplifica a ideia de dominação no turismo.

Por se tratar de uma pesquisa eminentemente teórica, não foi realizado trabalho de campo para se observar empiricamente como se desenrolam as relações simbólicas de poder, discutidas por Bourdieu (2016). Assim, contando apenas com fonte bibliográfica, selecionou-se a obra de Margarita Barretto: “Relações entre visitantes e visitados: um retrospecto dos

---

\* Professora Assistente da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Doutoranda em Turismo e Hospitalidade pela Universidade de Caxias do Sul (UCS).

<sup>1</sup> FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. 11ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1997.

<sup>2</sup> SANTOS, B. de S. **A crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez Editora, 2000.

estudos socioantropológicos”, publicado no ano de 2004 no periódico Turismo em Análise, que conta com uma rica coletânea de diferentes situações emblemáticas da relação visitante/visitado, para aplicação da teoria de Bourdieu.

Em uma proposta de sociologia reflexiva, as categorias de análise de Bourdieu, que viriam a ser seus pilares conceituais (*campo*, *habitus* e *capital*), são utilizadas neste trabalho como instrumento metodológico para descrição e análise das relações de poder presentes no turismo, e mais especificamente na relação residente-turista. O recorte de análise tem objetivo argumentativo e exemplificativo, para que se possa compreender, numa visão mais geral, a lógica do exercício do poder nas práticas do turismo.

### **O Poder Simbólico de Bourdieu**

O sociólogo Pierre Bourdieu, no ano de 1989, lança o clássico “Le Pouvoir Symbolique” (em português “O Poder Simbólico”). Na realidade, os conceitos fundamentais que formam a teoria de Bourdieu (*campo*, *habitus* e *capital*) já teriam sido apresentados em obras anteriores, inclusive a ideia de violência simbólica. Em “O Poder Simbólico”, livro com uma coletânea de artigos do autor, esses conceitos são retomados em uma perspectiva macro, de abordagem teórico-metodológica, com reflexões relacionais com a sociologia, a história, as ciências políticas e o direito.

Ao que particularmente nos interessa, o conceito de poder, resumidamente, está relacionado ao entendimento sobre dominação e posição dominante de um agente social sobre outro. Isso não significa que a dominação é resultado final do processo do exercício de poder, mas sim, que o poder é produzido por uma relação dialética de dominação entre o agente dominador e o que lhe está sujeito – que podem gerar desde a obediência e o conformismo até a desobediência e a reivindicação por parte dos dominados (BOURDIEU, 2016).

O fato de ser um poder simbólico significa dizer que esse poder é irreconhecível e invisível (porém legítimo), posto em relação às demais formas de poder. O conjunto de símbolos relacionados a esse poder diferencia-se enormemente conforme é produzido e apropriado por um grupo (e será em função dele que os grupos irão se distinguir sócio culturalmente). A esfera simbólica do poder não possui autonomia ou independência em relação à prática desse poder, ao contrário, só ganha sentido quando inserida no contexto da dominação e é pelo sistema simbólico que se assegura a imposição ou a legitimação da dominação (BOURDIEU, 2016).

A relação dialética de dominação tem por finalidade a imposição, direta ou sutilmente, da definição do mundo social conforme aos interesses de cada classe. O poder simbólico exitoso é aquele em que há cumplicidade dos envolvidos, tornando-o perfeitamente legítimo. Assim, segundo o autor (BOURDIEU, 2016, p. 4):

*é necessário saber descobri-lo [o poder] onde ele se deixa ver menos, onde ele é mais completamente ignorado, portanto, reconhecido: o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem.*

Embora a imposição em uma luta simbólica seja irreconhecível, seus atores não o são, nem tão pouco suas práticas. A classe dominante detém o poder econômico e simbólico, que utiliza do monopólio da violência simbólica (essa violência, mesmo sendo simbólica, gera efeitos reais). O objetivo do dominador é a manutenção da hierarquia classista, que corresponde também à garantia dos princípios econômicos para a hierarquização social. A classe dominada, em oposição, por não possuir capital econômico, utiliza capital específico no topo dos princípios para a hierarquização social (BOURDIEU, 2016).

Na tentativa de descrição do mundo, Bourdieu apresenta categorias objetivas de análise, que viriam a ser seus pilares conceituais (*campo*, *habitus* e *capital*). Tais conceitos são relacionados diretamente à teoria de poder simbólico:

*Campo*, local empírico, é o espaço social onde se dão as relações objetivas e em que os agentes possuem posições predeterminadas. Nele existe uma linguagem e simbologia específicas, somente entendidos e vivenciados por quem o produz – é o universo simbólico que o sustenta. Pode-se falar em diversos campos relativamente autônomos, como o campo artístico e o campo científico; em cada um desses campos existe dois polos opostos: o dos dominantes e o dos dominados (BOURDIEU, 2016; ORTIZ, 1983).

*Campo de poder*, especificamente, é o espaço em que a classe hegemônica tem completo domínio. Esse campo é onde se desenrolam “as relações de forças entre as posições sociais que garantem aos seus ocupantes um quantum suficiente de força social – ou de capital – de modo a que estes tenham a possibilidade de entrar nas lutas pelo monopólio do poder” (BOURDIEU, 2016, p. 27).

*Habitus*, de construção social, é a disposição incorporada de um agente em seu esquema de ação e pensamento. O *habitus*, constituído pelo poder simbólico, impõe significações, sendo

possível a reprodução da ordem estabelecida. Enquanto “lei social incorporada”, o *habitus* tende a conformar e a orientar as ações e os pensamentos (BOURDIEU, 2016; ORTIZ, 1983).

*Capital* “é um conceito que discute a quantidade de acúmulo de forças dos agentes em suas posições no campo”. Não se refere somente ao acúmulo de bens e riquezas econômicas (*capital econômico*), mas ao acúmulo de diversas forças simbólicas manifestadas em determinado campo social. O *capital simbólico* representa a soma dos capitais *econômico*, *cultural* e *social*. A quantidade de capital simbólico é o que determinará a posição dos agentes/classes na luta pelo poder (ORTIZ, 1983).

### **Relações de Poder e Turismo**

Em uma proposta de sociologia reflexiva, as categorias cunhadas por Bourdieu são apresentadas, pelo próprio autor, como instrumento metodológico. Assim, a seu convite, é possível relacionar os conceitos aos elementos concretos correspondentes em uma investigação científica nos campos de conhecimento científico (da história, da sociologia, e também do turismo).

No exemplo deste trabalho, o recorte analítico é a relação entre residentes e turistas. Barretto (2004), que faz um retrospecto dos estudos socioantropológicos acerca dessas complexas relações, mostra que a relação entre visitantes/visitados, embora tenha em suas origens um forte apelo de promoção de paz, entendimento e intercâmbio cultural, pode reproduzir (e reproduz) conflitos presentes na história da humanidade, como o colonialismo cultural e a xenofobia. Ainda, afirma que as relações acabam seguindo a lógica mercantil, sendo comercializadas como bens de consumo.

Segundo a autora, os encontros podem ser categorizados em três situações, quais sejam: 1. Quando os turistas compram bens ou serviços; 2. Quando turistas e residentes compartilham espaços; 3. Quando os turistas estão à procura de informações. Evidentemente, poderíamos ampliar a lista de situações de encontro entre residentes e turistas, mas, para o que interessa nessa análise, a segunda situação parece contemplar a grande maioria dos conflitos gerados em decorrência dessa relação, e principalmente demonstrar a luta pelo poder que tem início na própria disputa pelo espaço físico, no *campo* de Bourdieu (2016).

Ainda segundo Barretto (2004), são duas as principais características comuns às relações residentes-turistas, a saber: 1. Efemeridade (tempo determinado do encontro e não há repetição); 2. Assimetria (grupos distintos encontrando-se). A segunda característica elencada

(assimetria entre os grupos) é a que vai determinar, segundo nossas análises, a existência da luta pelo poder na relação. Isso significa que os diferentes e antagônicos *campos*, *habitus* e *capitais* dos grupos estudados determinam as posições do agente dominador (turistas) e do agente dominado (residentes).

É certo que não podemos escorregar nas generalizações, já que as relações ocorrem de diversas maneiras e variarão conforme o tipo de turistas e os condicionantes histórico-culturais e econômicos de ambos os grupos. Além disso, nas relações há um importante grau de imprevisibilidade e um leque ampliado de graus de interação, que vai desde a euforia (simpatia, amizade, intercâmbio cultural) até o conflito (hostilidade, desinteresse, preconceitos). A própria autora alerta para que não se reproduza o estereótipo dos residentes-vítimas e dos turistas-algozes (BARRETTO, 2004). Talvez esteja aí a riqueza da teoria de Bourdieu, que só faz sentido quando observada na concretude dos fatos.

Em uma análise preliminar, têm-se:

- o *campo* como o destino turístico para o turista, e como o local de residência ou de moradia para o residente. É no campo onde a relação entre residentes/turistas acontece e os conflitos emergem;
- o *habitus* como a soma de ações e pensamentos típicos dos turistas, descrita sinteticamente como “o olhar do turista” por Urry (1996), e também como a soma de ações e pensamentos típicos dos residentes, conjunto que é considerado o instrumento de resistência dos grupos dominados;
- o *capital* como o conjunto de elementos econômicos, culturais e sociais que posiciona os turistas como classe dominante e os residentes como classe dominada.

Neste “campo turístico”, os conceitos se materializam. Para fins didáticos de exemplificação, foram retiradas e analisadas passagens do texto de Barretto (2004), à luz da teoria de Bourdieu (2016), apresentadas a seguir:

“espera-se não cair no estereótipo da visão das **populações visitadas como vítimas** e dos **turistas como algozes**, optando-se por mostrar como o relacionamento vai sendo negociado entre uns e outros” (BARRETTO, 2004, p. 135)



A passagem vai ao encontro do entendimento de Bourdieu (2016), quando afirma que a relação de poder é uma relação dialética de dominação. Essa dominação é produzida socialmente entre os agentes; não pode ser naturalizada, tampouco entendida como inerte. Por isso, os resultados das relações visitantes/visitados são variados e imprevisíveis (que vão desde a euforia até o conflito).

“Dizer que formas alternativas de turismo promovem o "intercâmbio" é **pressupor que o turismo acontece entre iguais**, coisa que, na atualidade, vários antropólogos contestam”  
(BARRETTO, 2004, p. 145)

Conforme apontamos, a assimetria entre os grupos é o que vai determinar a existência da luta pelo poder na relação entre visitantes/visitados. Assim, em se tratando de diferentes grupos, haverá diferentes *habitus* e diferentes *capitais*; será no encontro dos antagônicos elementos que se definirá a posição de cada grupo na relação de poder.

“O grande paradoxo do turismo é que essa atividade coloca em contato pessoas que não enxergam a si mesmas como pessoas, mas como **portadoras de uma função precisa e determinada**: uns trazem dinheiro com o qual compram os serviços do outro”  
(BARRETTO, 2004, p. 147)

Numa relação de poder, os agentes possuem funções predeterminadas; funções essas que são determinadas pelo própria estrutura hierárquica da relação de poder, segundo Bourdieu (2016). Na relação que analisamos neste trabalho, a predeterminação das funções de “consumidores” e “vendedores” dos grupos de turistas e residentes, respectivamente, é consequência da posição de dominação em que cada grupo se encontra.

“Quando a sociedade receptora é **mais pobre** que a dos visitantes, tem **menos avanços tecnológicos** e ocupa um **status inferior** no cenário internacional, o relacionamento será assimétrico por questões estruturais” (BARRETTO, 2004, p. 136)

“Os problemas do colonialismo cultural [...], variam também em função da **classe social dos habitantes locais**. A classe dirigente local se relaciona de uma forma, adotando os padrões culturais e de consumo dos turistas até como forma de mobilidade social ascendente” (BARRETTO, 2004, p. 141)

Nas duas citações, têm-se a riqueza, o acesso à tecnologia avançada e o *status* no cenário internacional como *capital simbólico* que define a posição do agente dominador (turistas); e, da mesma forma, tem-se a falta desses capitais, portanto a pobreza, a tecnologia menos avançada, e o *status* inferior, definindo a posição do agente dominado (residentes). Nesse ponto, podemos dizer que o *capital econômico* (ou a falta dele) tem posição destacada entre as demais manifestações do capital, confirmando que o objetivo maior da manutenção do poder é a manutenção da hierarquia de classes.

Nas “**estações de montanha na Suíça** [...], As relações são mecânicas e as pessoas cansam de sempre ter de estar disponíveis e alegres. Não há a tensão entre riqueza e miséria que se observa em outras destinações, mas **há a tensão entre aquele que está a lazer e aquele que está a trabalho**” (BARRETTO, 2004, p. 136)

Embora, nessa situação, não haja tamanha disparidade socioeconômica entre os grupos de residentes (suíços) e de turistas, também nela vai haver assimetria. A posição de dominação não está relacionada somente ao acúmulo de bens e riquezas econômicas (*capital econômico*), mas também à existência do que Bourdieu (2016) denomina *capital simbólico*, além do próprio entendimento de cada grupo sobre o *campo* e das ações e dos comportamentos definidos pelo *habitus* de cada grupo. O mesmo *campo* (estação de ski) é para os residentes local de moradia ou de trabalho, enquanto que para os turistas, destinação turística de alto luxo. O *sistema simbólico* está fortemente presente em qualquer relação de visitantes/visitados, simplesmente porque cada grupo possui interesses distintos para com aquela relação. Enquanto os residentes estão a trabalho, os turistas estão a passeio. Essa “simples” diferenciação é o que assegura e legitima a dominação por parte dos turistas.

“No auge do turismo de massa, na década de 1960, [...] era **comum ouvir turistas afirmando** que os lugares seriam mais bonitos, ‘se não fosse pelos habitantes locais’”

(BARRETTO, 2004, p. 139)

“Quando Thomas Cook começa a incluir membros da burguesia e da classe operária inglesa nos seus tours, há queixas quanto ao **desprezo** que os turistas sentiam pelas culturas locais.

[...] os turistas **zombavam** das cerimônias religiosas, **ridicularizavam** a culinária, **criticavam** os trajés” (BARRETTO, 2004, p. 139)

A autora nesses trechos apresenta o que comporia o *habitus* dos turistas: o total cúmulo do desinteresse pelo contato com os residentes, além do reforço de preconceitos e da hostilidade para com os elementos culturais locais (religião, culinária, roupas). Para Bourdieu (2016), o *habitus* é construído socialmente pelo *poder simbólico*, e é creditado a ele a reprodução da ordem estabelecida. Atribui-se ao turista, historicamente, um conjunto de comportamentos preconceituosos e hostis, que está associado ao acúmulo de formas de *capital*, e que confirma e justifica a sua posição de dominação, ainda que simbólica. Não interessa ao dominador a ruptura da ordem, assim como não interessa ao turista o desvencilhamento de seu *habitus*, pois é ele a materialização da luta simbólica pelo poder.

### Considerações Finais

Buscou-se mostrar, a partir do estudo da teoria de Bourdieu, a existência da luta pelo poder entre residentes e turistas no “campo turístico”. A bibliografia do autor é vasta e sua teoria, cujo objetivo é explicar as relações sociais do mundo pós-moderno, bastante complexa. Em verdade, é preciso que outros estudos aprofundem e ampliem as possibilidades de aplicação das categorias Bourdianas no campo de conhecimento do turismo, incluindo também o aprofundamento do estudo sobre a dialética relação entre residentes e turistas. Portanto, este trabalho também possui um fim pedagógico de apontar os caminhos para futuros estudos.

A partir de nossas análises, pode-se inferir que a assimetria entre residentes e turistas, representada por diferentes e antagônicos *campos*, *habitus* e *capitais*, é o que confere a existência da tensão, da dominação, ou da luta pelo poder entre os grupos analisados. Entretanto, pondera-se que essa relação, ou essas relações, possuem uma ampla gama de variações de graus de contato e de resultados obtidos e que, exatamente por isso, confirma-se o entendimento de Bourdieu sobre poder como “uma relação dialética de dominação”, não sendo a dominação o resultado final desse conflito.

### Referências Bibliográficas

- BARRETTO, M. **Relações entre visitantes e visitados**: um retrospecto dos estudos socioantropológicos. In: Turismo em Análise, V.15(2), 2004, p. 133-149.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 2. Ed. Rev. Atual. Lisboa: Edições 70, 2016.
- ORTIZ, R (org.). **Pierre Bourdieu**: Sociologia. São Paulo: Ática, 1983.





9

URRY, J. **O Olhar do Turista**: Lazer e Viagens nas Sociedades Contemporâneas. Tradução: Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Studio Nobel: SESC, 1996. (Coleção Megalópolis).